

desse espaço e que viveram toda a sua vida esgueirando-se pelos becos e vielas, o espaço estava se desorganizando, já que transformava drasticamente o cotidiano dessas pessoas.

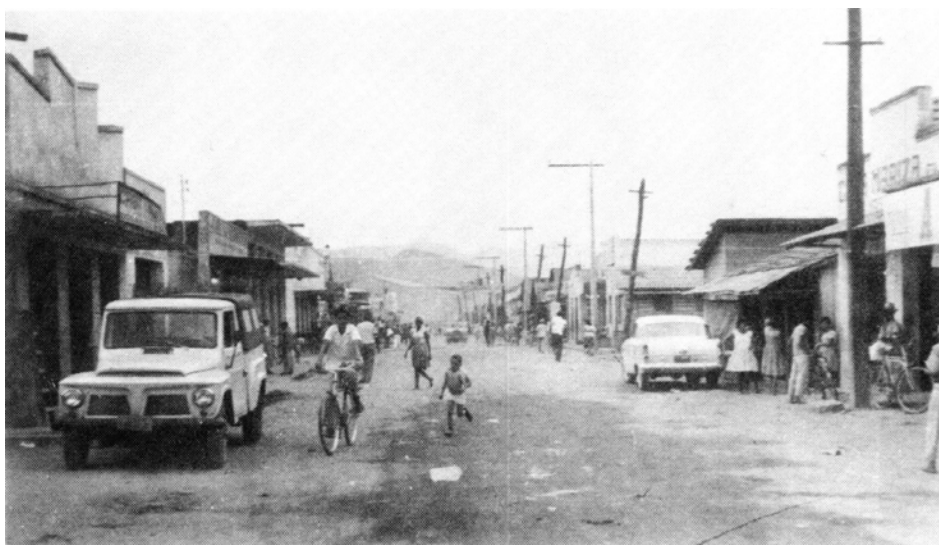


Foto 6 - O centro de Ipatinga em 1966 – Acervo Pedro Linhares.

O flagrante fotográfico, utilizado para registrar a chegada da CEMIG à cidade de Ipatinga, em 1966, apresenta outros aspectos que vão além de um simples registro: representa a memória de um período no qual Ipatinga já, há dois anos, estava emancipada. Entretanto, o centro da cidade ainda estava sem calçamento. Além de apresentar algumas construções precárias, é possível verificar a existência de duas linhas de transmissão de energia: uma antiga, feita com postes de madeira, os mais escuros, desordenados e tortos; e a mais moderna, com postes em concreto, instalados pela CEMIG. Até essa data, a energia elétrica utilizada no centro urbano era fornecida por geradores particulares. A fotografia traduz, em imagem, a memória do Sr. Raimundo Anício ao relembrar aqueles anos. Em entrevista concedida à Revista Homens em Série, ele afirma: *[...] nessa época eu fornecia energia elétrica a motor. Forneci durante 12 anos, para 60 casas. Tinha muita dificuldade para receber o fornecimento. Muitos não queriam pagar [...]*. O mais provável, nessa fotografia, é que os postes antigos, sem uniformidade, foram utilizados como meios de transmissão de energia de gerador, fornecida pelo Sr. Anício, até a chegada da CEMIG.

A explosão demográfica, a inexperiência da população residente em relação ao progresso encontrado nas grandes regiões urbanas e a ausência de um planejamento sugerem que uma Revolução Industrial de natureza ímpar estava acontecendo na cidade. Uma análise dos problemas de adensamento, ocorridos na Inglaterra durante o século XIX, permite entender que mudanças dessa natureza já provocavam desajustes não pertinentes apenas ao

nosso tempo e restrito à cidade de Ipatinga. Thompson analisa a situação européia diante de tais problemas da seguinte forma:

*[...] Finalmente, sugere-se, com uma persistência entediante, que as construções de baixa qualidade, os rios fétidos, a destruição da natureza e os horrores arquitetônicos devem ser perdoados porque tudo ocorreu muito rapidamente sob intensa pressão demográfica, sem controle, premeditação ou experiência anterior[...].*⁸⁸

Todos esses problemas abordados por Thompson em outro momento histórico, dos ribeirões fétidos à destruição da natureza; das construções de baixa qualidade aos horrores arquitetônicos, podem se encontrados também em Ipatinga, sobretudo se for levado em conta a celeridade do processo e a pressão demográfica notada na construção da cidade.

A Usiminas teve sua pedra fundamental lançada no Governo JK, porém sua inauguração dar-se-ia no Governo João Goulart, cuja tônica recaía sobre os problemas da classe trabalhadora e a necessidade de geração de novos postos de trabalho. Daí a urgência de colocar a indústria em funcionamento. Sendo assim, notamos os mesmos problemas elencados por Thompson na formação da classe operária inglesa: hostilidade ao planejamento, capitalismo predatório e relativa parcimônia de decisões do poder público. Eles ajudam na compreensão de que os problemas do Arraial de Ipatinga seriam diretamente administrados pela Usiminas, pois Coronel Fabriciano parecia aceitar a *urgência do momento* como justificativa para permitir um crescimento relativamente desorganizado.

A hipótese de que os loteamentos ocorriam à revelia do poder público não encontra guarida nessa análise, apesar de muitas pessoas duvidarem da legalidade da planta em face ao gigantismo das mudanças, que produzia, paralelamente, um clima de desconfianças. É bom considerar que ninguém se conhecia. As empresas recém-instaladas não tinham referências que atestassem sua idoneidade diante da população carente e, até certo ponto, desamparada.

A cultura de dominação criou esse clima, pois secularmente o povo fora colocado às margens das decisões políticas e *jogado* ao sabor dos interesses das classes dominantes; portanto, estava carregado de razão quando duvidava das intenções desses capitalistas. Admitem-se, entretanto, a delegação de poderes e a anuência das autoridades com os profissionais presentes na região, sobretudo os da Usiminas, cuja opinião era considerada mesmo nos assuntos de fora da empresa. Então, enquanto a Usiminas acelerava a construção dos bairros, os quais ficariam sob seu domínio; os profissionais de visão burguesa, como o Sr. Pedro Linhares, organizavam a venda de terrenos nos bairros periféricos de Ipatinga e iniciavam a construção de casas que seriam comercializadas entre os recém-chegados.

⁸⁸ THOMPSON, E. P., op. cit. p. 188.

O que mais chama a atenção, nessa análise, é a forma como os bairros operários foram construídos: pressupõe a divisão social, a hierarquização imposta pela empresa, quando analisada entre eles; mas também impõe, por outro lado, a racionalização desse espaço, quando analisada isoladamente, talvez numa tentativa de apagamento das diferenças trazidas pelos operários oriundos de diversos lugares e da cultura residual remanescente em cada um nessa nova morada. Na visão de Antonio Arantes, essas diferenças, ao invés de apagarem-se, acentuam-se mais ainda, quando os trabalhadores fazem questão de demonstrar a que vieram. Ele afirma:

Quanto terá de ser dito e feito até que nos convençamos plenamente de que a propalada suavidade à brasileira esconde e legitima, perversamente um apagamento de diferenças sociais e regionais que, tal como as de raça, origem e gênero produzem um distanciamento real [...] As diferenças culturais não se neutralizam pela físico-química da mistura, por diluição. Mesmo os símbolos híbridos (termo caro a vários autores contemporâneos) não se originam da simples dissolução de diferenças, mas, com frequência, tornam mais visível e exacerbam – ou politizam – a heterogeneidade.⁸⁹

No terceiro capítulo, será o momento apropriado para constatar essa idéia, quando a análise recai sobre o afloramento desse residual. Outra informação pertinente às observações de Arantes é em relação às transformações das cidades, *barreiras físicas são erguidas para manter a segregação*. Essas barreiras podem existir a partir de dois princípios: o natural e o artificial. No primeiro caso, alguns bairros, estrategicamente construídos em ilhas, são naturalmente separados pelo rio, e a ponte consistiria na única via de acesso ao local; no segundo, barreiras artificiais são erguidas, não para assegurar que a classe dominante fosse confinada a um gueto, mas para que os pobres não invadissem o ambiente reservado à classe dominante. O melhor exemplo dessa afirmativa pode ser encontrado nos condomínios fechados, onde são montadas barreiras com guaritas e vigilantes a postos vinte e quatro horas por dia.

No caso de Ipatinga e dos bairros construídos pela Usiminas, essas barreiras foram estabelecidas através das distâncias observadas de um bairro para o outro; portanto, de forma estrategicamente escolhida, levando em conta as dificuldades naturais. Mesmo com uma população atual de aproximadamente 280 mil habitantes, os bairros não se tornaram contíguos. O que se diria sobre o assunto, no início da década de 1960, quando o total de habitantes ainda não rompia a casa de 50 mil habitantes? Nesse caso, o isolamento de um bairro em relação aos demais era bem maior.

⁸⁹ ARANTES, Antonio A., Desigualdade e Diferença In: **Paisagens Paulistanas** transformação do espaço urbano, Imprensa Oficial, 1999, p. 142.

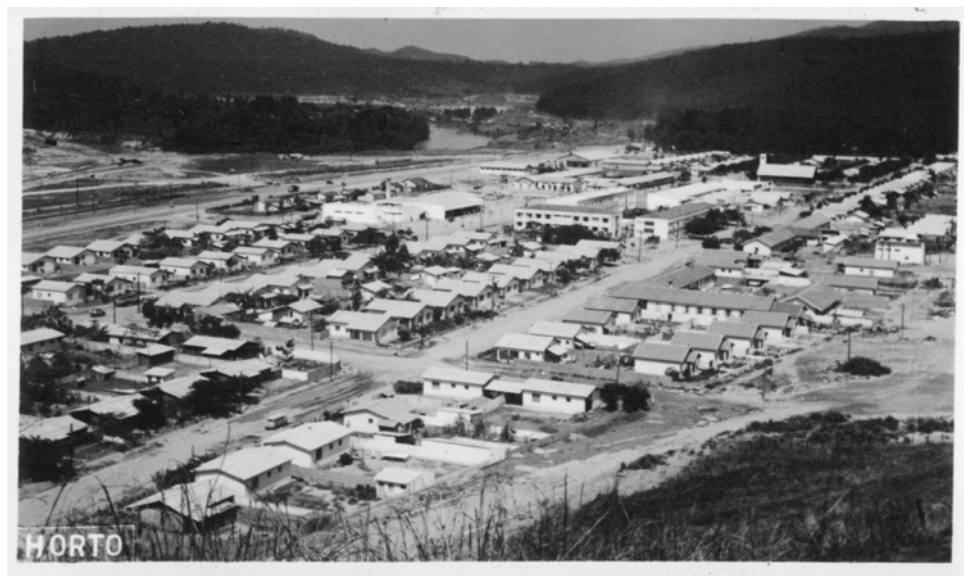


Foto 7 - Bairro Horto em 1962 – Acervo Moacir Lacerda.

O Bairro Horto, o primeiro a ser construído pela empresa, serviu de moradia aos primeiros técnicos que chegaram para a industrialização da cidade. Na parte superior da fotografia, observa-se o Rio Piracicaba. Margeando o rio, em direção à nascente, encontramos outro bairro operário hoje conhecido como Amaro Lanari, resultado da fusão de dois bairros, a Candangolândia e o Maringá, reservados aos operários menos qualificados e localizados a uma distância aproximada de dois quilômetros do Bairro Horto. Observa-se que a hierarquia foi estabelecida logo nos primeiros momentos de formação da cidade, pois o bairro em questão foi reservado aos engenheiros e técnicos japoneses, enquanto Candangolândia e Maringá, aos operários sem qualificação profissional; dentre eles, o meu pai.

A Usiminas se movimentou no sentido de criar os primeiros serviços públicos, direcionando tais instalações ao Bairro Horto, em detrimento do centro da cidade. Dentre os diversos serviços, podemos identificar os Correios, o Posto de Saúde, um Posto Policial e uma agência do Banco Nacional, na época de propriedade da família do Governador de Estado, o Sr. Magalhães Pinto. Além desses serviços, foram instaladas também as primeiras lojas particulares, de eletrodomésticos, para venda a crédito aos empregados da Usiminas⁹⁰; um clube recreativo nas proximidades do bairro, o USIPA; uma casa de projeção cinematográfica construída em madeira⁹¹ e a primeira igreja católica da cidade.

⁹⁰ A loja de eletrodomésticos, cujo nome era SILAS, foi a primeira a ser instalada no Bairro Horto. Nessa loja, os empregados da Usiminas compravam eletrodomésticos e bicicletas, podendo efetuar o pagamento de forma parcelada, sendo que as prestações eram descontadas na folha de pagamentos dos empregados. Esse acordo contemplava apenas os empregados diretos da Usiminas.

⁹¹ Os trabalhadores da Usiminas compravam antecipadamente as entradas para o cinema que valeriam por todo o mês. No horário de almoço, os trabalhadores tomavam suas refeições no restaurante conhecido como Bandeirão, e, em seguida, iam para o cinema, onde eram exibidos diariamente seriados como Batman, Zorro e Tarzan.

As evidências levam-me a crer que o Bairro Horto, deliberadamente, ganhou contornos de uma espécie de centro urbano da *cidade da Usiminas*, dado o crescimento em importância, se comparado ao centro de Ipatinga.

Estabelece-se, a partir dessa análise, uma dicotomia natural no cotidiano citadino. Os próprios funcionários da Usiminas se sentiam mais privilegiados, em grau de importância, diante dos demais trabalhadores da cidade, especialmente os das empreiteiras. Quando perquiridos sobre o local de trabalho, ao preencher uma eventual ficha cadastral para compra a prazo, eles faziam questão de dizer que “eram funcionários da Usiminas”. Essa afirmativa soava como uma garantia de recebimento das prestações e, na realidade, eles estavam certos, pois as lojas de eletrodomésticos estabeleceram um acordo com a empresa, para que as prestações mensais fossem descontadas em folha de pagamento e repassadas ao fornecedor.

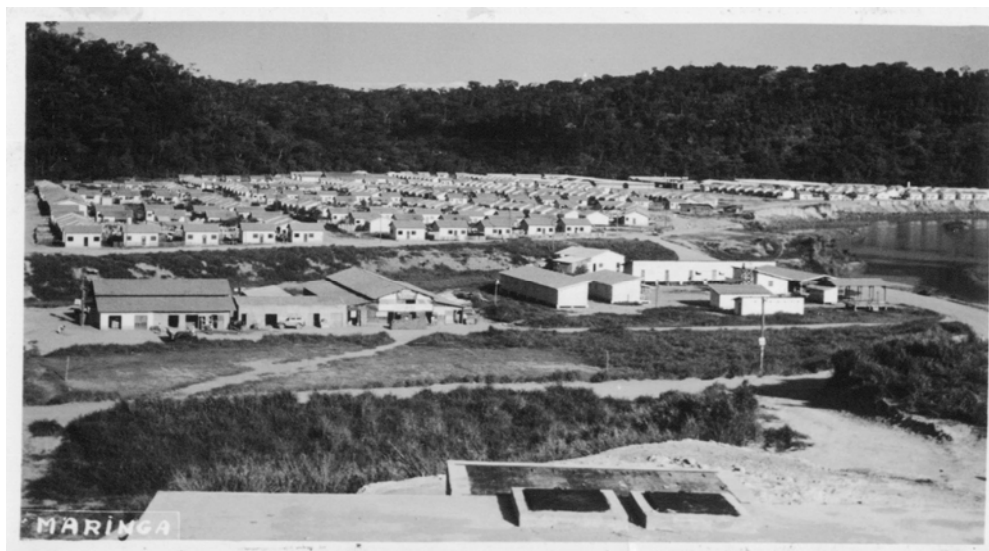


Foto 8 – Bairro Maringá – 1962 - Acervo Moacir Lacerda.

Ao comparar as fotografias 7 e 8, é possível compreender a divisão social. As casas do Bairro Horto (foto 7), Cariru e Castelo eram maiores e mais bem acabadas que as casas dos Bairros habitados por trabalhadores com menor qualificação profissional. Enquanto nesses as casas tinham 201,95 m² de área construída, com três quartos e dois banheiros, no Bairro Bom Retiro as casas tinham três quartos, um banheiro e 84,2 m² de construção. Nos bairros Maringá (foto 8) e Candangolândia, as casas tinham apenas dois quartos e não eram cobertas com laje, apenas telhado convencional.

Esses dois últimos, Candangolândia e Maringá, além de transformarem-se em reduto de operários sem especialização, sofreram com outro fator de discriminação: eles (hoje Amaro Lanari) foram construídos dentro do perímetro urbano de Coronel Fabriciano, apesar de toda

sua ligação ser com a cidade de Ipatinga, inclusive as linhas telefônicas, cujas centrais são interligadas às redes de Ipatinga. Após a emancipação da cidade, em 1964, os moradores desses bairros sofreram mais ainda com a discriminação: Ipatinga não investia nos bairros, porque pertenciam a Coronel Fabriciano que, por sua vez, também não investia neles, pois os bairros estavam totalmente ligados a Ipatinga; mas não abria mão deles para não se privar do recolhimento de impostos e dos votos desses eleitores.

Ao longo do tempo, os moradores desses bairros foram relegados ao esquecimento, sem usufruir diretamente dos benefícios oferecidos por ambos os municípios. A responsabilidade de dotá-los da infra-estrutura necessária aos habitantes ficou a cargo da Usiminas, já que se tratava de bairros operários.

Debruçar sobre as fotografias de todos os bairros operários de Ipatinga (Usiminas) e tentar montar um quebra-cabeça de interligação dos mesmos é deparar com uma constatação que causa perplexidade: trata-se da forma ímpar usada para construí-los. Grande parte deles, especialmente aqueles criados para abrigar os operários com menor qualificação profissional, eram becos sem saída. Como não foi possível conseguir um *lay-out* da época, a ajuda veio do programa de computador conhecido como *Google Earth*, no sentido de ilustrar essa afirmativa.

A fotografia do bairro Amaro Lanari, conseguida via satélite, apesar de atual em relação ao que era em 1963, pressupõe uma intencionalidade na sua construção. O bairro, resultado da fusão de outros dois, foi construído em forma de um “L”, sendo que, na parte vertical, está localizada a antiga Candangolândia e, na *perna* horizontal, o antigo Maringá. No contorno direito, nota-se o Rio Piracicaba, considerado pelos moradores um rio *traíçoeiro*, em virtude dos bancos de areia que desaparecem sob os pés das pessoas que tentam atravessá-lo. Muitos moradores perderam a vida no Piracicaba; e esse rio é o marco divisor entre o bairro e a reserva florestal de proteção legal.

No lado esquerdo, nota-se a construção de uma rodovia que ligará Ipatinga a Coronel Fabriciano, entretanto tal rodovia entrou em processo de construção no ano de 2004. Assim, na época da construção dos bairros, tanto o Maringá quanto a Candangolândia estavam delimitados; de um lado, pelo rio e a floresta e, de outro, pela linha férrea e pelos morros íngremes, que não ofereciam grandes possibilidades de transposição.



Fotografia nº 9 – GOOGLE EARTH – www.googleearth.com.br Acesso em 19 de dezembro de 2006.

Por isso, a única via de acesso ao bairro era a estrada notada na parte superior da fotografia, entre o *afunilamento* do rio e da estrada em construção. A observação de que o local poderia ser transformado, se necessário, em um *beco sem saída*, passaria despercebida se não fosse constatada tal *coincidência* em outros bairros.

Novamente, com a ajuda de um mapa atual, conseguido no *Google Earth*, foi possível vislumbrar as ligações atuais, que dão indícios do posicionamento geográfico de cada bairro e, dentro dessa configuração, a constatação de que eles estavam afastados uns dos outros, permitindo, dessa forma, uma desconexão entre eles, caso fosse necessário. Uma breve análise sobre a configuração geográfica local será de grande valia para melhor compreender esse contexto. Seguindo na direção da parte inferior para a superior da fotografia, encontraremos os seguintes bairros:



Foto nº 10 – Bairros operários - www.googleearth.com.br - Acesso em 19 de dezembro de 2006.

- 1- **Maringá** - habitado por trabalhadores menos qualificados, ou sem qualificação profissional. Tinha uma saída.
- 2- **Candangolândia** – também habitado por trabalhadores menos qualificados, ou sem qualificação profissional. Tinha uma saída, a mesma do Maringá.
- 3- **Horto** – situado à esquerda da linha de ferro, o bairro tinha duas saídas: uma para Coronel Fabriciano e outra para a Usiminas (que seguia na direção de Ipatinga). O bairro era habitado por técnicos brasileiros e japoneses, altamente qualificados.
- 4- **Santa Mônica** – situado à esquerda da linha de ferro, esse bairro era habitado, quase em sua totalidade, por trabalhadores solteiros. O que mais chama a atenção nele é a sua localização geográfica. Saindo do bairro Horto, destinado aos técnicos brasileiros e japoneses, o bairro localiza-se entre os morros e sua única saída é a descida para o Bairro Horto. Não existe a possibilidade de saída para os morros.

- 5- **Areal** – habitado por trabalhadores qualificados, porém sem cargos expressivos na organização da empresa. Tinha duas saídas: uma para o Horto, outra para o Bom Retiro.
- 6- **Imbaúbas** – também localizado em um morro, habitado por trabalhadores menos qualificados, dotado de apenas uma saída, e essa saída era para o Bairro Bom Retiro.
- 7- **Bom Retiro** – considerado na época como o bairro mais populoso dentre os construídos pela Usiminas, o Bom Retiro abrigava trabalhadores qualificados, variando entre cargos intermediários como Líderes de Grupo e Supervisores. Tinha três saídas: uma direcionada à portaria de entrada para a Usiminas, outra para o Horto e a última em direção ao Hospital Márcio Cunha (inaugurado em 1964), deste ponto para o Bairro Cariru.
- 8- **Bela Vista** - construído na década de 1990.
- 9- **Bairro das Águas** - construído na década de 1990.
- 10- **Cariru** – considerado um bairro de chefia – Supervisores, Chefes de seção e Chefes de Divisão. Além desses, vários blocos de apartamentos destinados aos japoneses que traziam a tecnologia para a construção da indústria.
- 11- **Castelo** – próximo ao número 2, na saída para Caratinga e Ipatinga (uma só saída). Esse bairro foi reservado à alta chefia da Usiminas. (Chefes de Divisão, Departamento, Diretoria e Presidência). O bairro estava localizado na parte mais alta de todos os bairros da Usiminas. Hoje, com o crescimento populacional, outros bairros foram criados em planos geográficos superiores; entretanto, é válido observar que, do alto do bairro, era possível contemplar todo o Complexo Industrial da Usiminas.
- 12- **Vila Ipanema** – ao lado do Bairro Castelo, em um plano geográfico inferior e, do outro lado da linha, encontra-se o Bairro Vila Ipanema. Equiparado aos bairros Maringá e Candangolândia, a Vila Ipanema também estava reservada aos empregados sem qualificação profissional e boa parte desses operários morava em construções denominadas *Faixas contínuas*⁹².

⁹² Além das pequenas casas operárias, é possível notar, na fotografia de nº. 11, p. 76, alguns barracões. Essas construções eram conhecidas como Faixas contínuas; na realidade, era um conjunto de quatro casas contíguas construídas em um único barracão de tábua que não tinha cobertura de laje, apenas telhado convencional. Era também dotado apenas de dois banheiros coletivos para quatro famílias. Essas Faixas contínuas eram construções provisórias, que seriam habitadas até o término das casas operárias e algumas delas foram disponibilizadas para uso das empreiteiras. Vale ressaltar que essas foram construídas nos bairros Maringá, Candangolândia e Vila Ipanema, ou seja, bairros de operários menos qualificados do ponto de vista profissional. No trajeto entre os bairros Candangolândia e Horto, margeando o Rio Piracicaba, foram construídas várias delas, além de barracões de madeira para abrigar trabalhadores recém-chegados, cujas famílias permaneceram nas cidades de origem. Esses alojamentos eram considerados como moradias transitórias.



Foto nº 11 – Bairro Vila Ipanema 1962 – Acervo Moacir Lacerda.

A racionalização do espaço foi imposta pela empresa logo nos primeiros meses, ao separar trabalhadores qualificados daqueles que serviriam para compor a base operária da indústria. A divisão social do trabalho extrapolou os limites físicos da área de produção e caracterizou-se também nas moradias desses operários. Mas voltemos ao caso do Bairro Santa Mônica, o que mais me chamou a atenção. Nesse caso, a divisão social do trabalho não foi muito respeitada, o critério de separação utilizado foi *sui generis*, pois o local fora destinado aos trabalhadores solteiros. Aparentemente tal preocupação não faz sentido algum, mas, à medida que se constata que as diferenças culturais não podem ser neutralizadas, elas se agigantam na mesma proporção em que as relações de mando e subordinação se radicalizam. Isso posto, verifica-se a possibilidade de uma reação, na mesma proporção das possíveis ações propostas.

Os trabalhadores solteiros geralmente eram estigmatizados, quando algum *burburinho* acontecia dentro ou fora do ambiente fabril; não pelo fato de serem solteiros, mas por morarem no Santa Mônica. Eram maldosamente identificados como *a turma do Santa Mônica* e, no ambiente fabril, os vigilantes eram capazes de identificá-los em meio à multidão de operários que se avolumava nos horários de entrada ou saída da fábrica, bem como nas trocas de turnos. Evidente que tais observações estavam fundamentadas na tenra idade desses operários e, como eles não tinham família, perder um posto de trabalho não era tão